



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000421176

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1035748-60.2024.8.26.0576, da Comarca de São José do Rio Preto, em que é apelante COMPANHIA PAULISTA DE FORÇA E LUZ, é apelado TOKIO MARINE SEGURADORA S.A..

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 29ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Deram provimento ao recurso. V. U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores NETO BARBOSA FERREIRA (Presidente) E SILVIA ROCHA.

São Paulo, 30 de abril de 2025.

MÁRIO DACCACHE

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

Apelação Cível nº 1035748-60.2024.8.26.0576

Processo originário nº 1035748-60.2024.8.26.0576

Apelante: Companhia Paulista de Força e Luz

Apelado: Tokio Marine Seguradora S.a.

Comarca: São José do Rio Preto

Juiz (a): Douglas Borges da Silva

Voto nº 12152

Seguro – Ação regressiva – Dano supostamente produzido por distúrbio na rede de energia elétrica – Sentença que julgou procedente a ação – Inconformismo da ré – Requerimento administrativo de ressarcimento de danos não comprovado – Documento unilateral juntado pela seguradora que é insuficiente para provar o nexo de causalidade – Situação que, se admitida, enseja automática condenação das concessionárias – Transferência do risco do negócio para o Estado – Provimento do recurso para julgar improcedente o pedido.

1 - Versam os autos sobre ação indenizatória regressiva proposta por seguradora contra concessionária de energia elétrica.

A **sentença** (p. 352/357) julgou procedente a demanda e condenou a concessionária a pagar o dano (R\$3.579,86) experimentado pelo seu segurado em razão de distúrbio elétrico proveniente da rede de distribuição.

Apela a concessionária (p. 360/382), alegando, que os laudos técnicos apresentados pela seguradora são unilaterais e não comprovam que os danos apontados decorrem dos serviços prestados. Afirma que não há registro de oscilações elétricas nas

datas informadas, que não há relação de consumo entre as partes e que a inversão do ônus da prova não deve ser aplicada na hipótese. Tece considerações sobre a rede de distribuição elétrica, a ausência de responsabilidade da concessionária, salienta a responsabilidade do consumidor pelas instalações internas e a possível ocorrência de caso fortuito ou força maior. Pede a reforma da sentença para julgar improcedente o pedido. Subsidiariamente, requer a devolução do aparelhos salvados.

Contrarrazões (p. 388/405).

É o relatório.

2 – Respeitado o entendimento do juízo de primeiro grau, o recurso tem provimento.

Verifico, inicialmente, que a seguradora afirma que realizou o prévio requerimento administrativo de ressarcimento de danos diretamente à concessionária ré, conforme número de protocolo mencionado às p. 211 e 326.

No entanto, tal informação não veio acompanhada de nenhum documento comprobatório de efetivo requerimento junto à concessionária. Não há indicação de data do chamado ou da efetiva solicitação para instauração de procedimento administrativo, e a concessionária ré nega que o segurado tenha realizado qualquer requerimento (p. 250, 259/264), razão pela qual não poderá ser considerado.

Observo que a **relação jurídica entre as partes é de consumo**, pois a seguradora se sub-roga nos direitos dos segurados, por força do art. 786 do Código Civil.

Entre os direitos básicos do consumidor estabelecidos pelo Código de Defesa do Consumidor está a inversão do ônus da prova, para a facilitação da defesa de seus direitos em juízo, a qual, contudo, não é automática, ocorrendo somente nas hipóteses de verossimilhança das alegações e hipossuficiência, o que não se vislumbra na hipótese.

Com efeito, *não há hipossuficiência econômica ou técnica a ser reconhecida em favor da seguradora*, que se trata de grande empresa com capacidade financeira para viabilizar a produção das provas necessárias, portanto, inaplicável a inversão do ônus da prova.

No mais, ações regressivas de seguradoras contra concessionárias de energia elétrica, em razão de danos que teriam sido provocados por descarga elétrica proveniente da rede de distribuição, vêm sendo distribuídas em grande número nas diversas comarcas do Estado e estão chegando para exame em grau recursal.

Essas causas vêm sendo julgadas de maneiras distintas nos juízos e no Tribunal de Justiça. Ambos os desfechos contam com bons argumentos jurídicos.

Nesta 29ª Câmara de Direito Privado, é pacífica a orientação de que os pedidos formulados nestas ações regressivas são improcedentes. Nesse sentido, entre outros, registrem-se os seguintes precedentes:

APELAÇÃO – PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA – AÇÃO REGRESSIVA DE RESSARCIMENTO DE DANOS PROPOSTA POR SEGURADORA EM FACE DE CONCESSIONÁRIA DE SERVIÇO PÚBLICO – Alegado distúrbio elétrico que resultou em avarias a equipamentos do segurado – Sentença de improcedência – Recurso da seguradora – Havendo controvérsia sobre a causa dos danos e não tendo a seguradora autora viabilizado a produção de prova técnica de forma direta, não há como impor à concessionária o dever de indenizar – A ausência de prévia comunicação do evento impediu a ré de inspecionar os equipamentos danificados e produzir prova para contrapor ao parecer unilateral que instruiu a inicial – A responsabilidade objetiva do art. 37, § 6º, da CF, afasta tão somente a pertinência de se apurar o elemento subjetivo da responsabilidade civil, mas não elimina a necessidade de que sejam demonstrados a conduta comissiva ou omissiva do agente, os danos alegados pela vítima e o nexo de causalidade entre eles – Ônus da autora de provar que os danos causados decorreram de oscilação na rede elétrica – Documentos produzidos unilateralmente, sem preservação dos equipamentos para eventual perícia técnica, sendo insuficientes as provas para demonstrar que os danos foram mesmo causados por defeito da rede elétrica externa – Necessidade de produção de

perícia imparcial, sob o crivo do contraditório, que foi impossibilitada ante o descarte dos equipamentos – Nexo de causalidade não comprovado – Entendimento unânime desta Colenda Câmara – Sentença mantida – Majoração da verba honorária sucumbencial, nos termos do art. 85, §11 do CPC – Recurso improvido. (TJSP; Apelação Cível 1000516-67.2018.8.26.0100; Relator (a): José Augusto Genofre Martins; Órgão Julgador: 29ª Câmara de Direito Privado; Foro Central Cível - 15ª Vara Cível; Data do Julgamento: 17/03/2025; Data de Registro: 17/03/2025)

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO - Fornecimento de energia elétrica - Danos a equipamentos por oscilação na rede - Pagamento de indenização a segurado - Ação de regresso da seguradora contra a concessionária de serviço público, fornecedora de energia elétrica - Sentença de improcedência - Apelo da autora - Ônus da autora de provar que os danos decorreram de oscilação na rede elétrica - Laudos unilaterais - Desinteresse pela produção de prova técnica - Nexo de causalidade não comprovado - Sentença mantida - Apelação desprovida (TJSP; Apelação Cível 1034738-54.2024.8.26.0002; Relator (a): Carlos Henrique Miguel Trevisan; Órgão Julgador: 29ª Câmara de Direito Privado; Foro Regional II - Santo Amaro - 3ª Vara Cível; Data do Julgamento: 17/03/2025; Data de Registro: 17/03/2025)

Prestação de serviço - Fornecimento de energia elétrica - Ação de regresso movida por seguradora - Ausência de prova idônea, produzida sob o crivo do contraditório, sobre a causa das oscilações ou picos de energia afirmados na inicial, sem a qual o

*pedido é improcedente - Recurso não provido.
(TJSP; Apelação Cível 1122171-93.2024.8.26.0100;
Relator (a): Silvia Rocha; Órgão Julgador: 29ª
Câmara de Direito Privado; Foro Central Cível - 6ª
Vara Cível; Data do Julgamento: 31/01/2025; Data
de Registro: 31/01/2025)*

Como se vê pelo exame das ementas, as seguradoras afirmam que o dano foi produzido por falha na prestação do serviço das concessionárias, mas a prova que trazem é um documento unilateral, vazado em termos genéricos e produzido sem qualquer participação das concessionárias.

Afirma-se que o dano decorreu de sobrecarga de energia elétrica, mas não há nos autos prova segura do nexo de causalidade. É fundamental que sejam estabelecidas com precisão as circunstâncias que teriam ensejado a sobrecarga, a fim de eliminar a possibilidade de que a oscilação tenha ocorrido na rede interna dos usuários.

Mais do que definir a responsabilidade da concessionária, o ponto fundamental é, portanto, apurar a dinâmica dos fatos. E sem a realização da perícia nos equipamentos, não se demonstra o nexo de causalidade.

É descabida, portanto, a alegação de que não há obrigatoriedade da vistoria prévia em equipamentos. Não se trata de um procedimento administrativo que a autora deveria ter observado, mas de conduta que inviabilizou a concretização dos princípios do contraditório e ampla defesa, impossibilitando a

realização de perícia judicial.

Não devem as seguradoras reparar ou descartar os aparelhos danificados, sem oferecer a oportunidade de a concessionária analisar o bem danificado e a partir daí, pleitear o ressarcimento dos danos com base em laudos unilaterais apresentados pelos segurados.

Essa dinâmica inviabiliza o exercício do direito da concessionária de provar que não deu causa ao dano. Em consequência, a concessionária acabaria condenada a pagar o prejuízo experimentado pelo segurado de forma automática e sem ter a chance de, no devido processo legal, demonstrar as eventuais excludentes que a eximem de reparar o dano.

Daí que há, na prática, uma transferência do risco assumido pela seguradora para as concessionárias. Se for assim, e tendo em conta a evidente solvência das concessionárias, serão elas que, sempre, arcarão com o custo das indenizações.

E é preciso não esquecer que se trata de concessão de serviço público. É o Estado (sabidamente uma ficção jurídica), ou seja, nós, contribuintes, que acabaremos por arcar com o custo de tais indenizações. A vingar a tese das seguradoras, será o contribuinte brasileiro que ressarcirá o dano supostamente ocasionado por sobrecarga de energia.

Em tese, os valores dessas indenizações passarão a

integrar o custo das concessionárias, e é razoável imaginar que haverá pressão para elevação do preço da energia elétrica.

Diante desse cenário, nas apólices em que se assegura cobertura a danos em aparelhos elétricos ou eletroeletrônicos, se não ocorre o sinistro, a seguradora cuida apenas de receber o prêmio. E, se ele ocorre, ela, em ação regressiva, recebe com atualização monetária e juros o que pagou ao segurado, sempre. Pode-se, assim, dizer que diante das peculiaridades desses casos, as seguradoras não estão assumindo risco algum, com o que fica desvirtuada a própria natureza do contrato de seguro.

3. Do exposto, proponho **o provimento ao recurso** para julgar improcedente o pedido, com inversão da sucumbência, fixada a honorária em 20% do valor da causa.

MÁRIO DACCACHE

Relator